

# Editorial

Em 1952, o prêmio Nobel de Física Erwin Schrödinger, proferiu uma palestra, em Dublin dizendo que, quando suas equações Nobel pareciam descrever várias histórias diferentes, estas não seriam alternativas, mas que tudo realmente acontece simultaneamente.

Baseado na Teoria da Relatividade e na Física Quântica, Multiverso é um termo usado para descrever o conjunto hipotético de universos possíveis, a totalidade do espaço, do tempo, da matéria, da energia e das leis e constantes físicas que os descrevem, ou seja, tudo o que existe.

Vivemos em um universo quadridimensional, descrito por três dimensões espaciais e uma temporal interligadas entre si no que se denomina malha espaço-tempo, no qual as decisões quânticas adequadas levam à nossa existência.

O conceito de outros universos foi proposto para explicar como o nosso próprio universo parece ser ajustado para a vida consciente à medida que a experimentamos<sup>1</sup>.

O Núcleo Psicanalítico de Aracaju – NPA está completando vinte anos, desde as primeiras reuniões do grupo, nascimento marcado pela realização da I Jornada de Psicanálise de Aracaju em 1998.

Desde então, o NPA vem desenvolvendo diversas atividades, voltadas para o estudo, a pesquisa, a divulgação do pensamento psicanalítico e a formação de novos psicanalistas, sendo composto por membros filiados às Sociedades de Psicanálise componentes da *International Psychoanalytical Association* – IPA, fundada por Sigmund Freud em 1910, da *Federación Psicoanalítica de América Latina* – FEPAL e da Federação Brasileira de Psicanálise – FEBRAPSI.

Esta primeira edição da Revista Multiverso – Órgão Oficial do Núcleo Psicanalítico de Aracaju, representa a realização de um projeto que vem sendo gestado ao longo de muitos anos, uma grande conquista científica para a nossa comunidade e uma pequena, porém significativa contribuição ao intercâmbio de conhecimentos e à troca de experiências.

---

1. Cosmologist thinks a strange signal may be evidence of a parallel universe. Phys. Org por Vanessa Janek. Universe Today (2015).

Será uma publicação anual, com trabalhos científicos rigorosamente selecionados por nossa rede de pareceristas composta por colegas de diferentes Sociedades de Psicanálise, aos quais, desde já, agradecemos pela colaboração e pela parceria.

Agradecemos ainda ao nosso Conselho Editorial, composto por membros da nossa Instituição e ainda aos colegas de reconhecido saber e experiência que compõem o Conselho Consultivo da Revista Multiverso.

Nesta primeira edição, Alicia Beatriz Dorado de Lisondo, de Campinas, desenvolve o pensamento de que, assim como nas crianças, a sábia ignorância é aliada no trabalho do psicanalista, para transitar entre paradoxos e talvez alcançar o não representado, portal da criação.

Alexandre Martins de Mello, de Ribeirão Preto, apresenta o relato de um caso e descreve as dolorosas emoções experimentadas pela dupla analítica, apontando as conjecturas imaginativas e racionais que iluminam o material clínico e articulando considerações teóricas e literárias a partir do livro “O Deserto dos Tártaros”, de Dino Buzatti.

Ana Cláudia Zuanella, de Recife, parte dos conceitos das instâncias ideais para entender a paixão amorosa, especialmente naquilo que ela tem de *páthico*.

Beatriz Troncon Busatto, de Ribeirão Preto, tece comentários sobre a prática psicanalítica, ressaltando a importância da observação e elaboração do universo sensorial na clínica.

Carlos de Almeida Vieira, de Brasília, nos traz que é inteiramente incompreensível a falta de sensibilidade estético-artística no analista, que levaria ao risco de uma visão monocular em que predomina os conteúdos manifestos, desprezando a percepção dos afetos soterrados após os desastres psíquicos.

Claudio Castelo Filho, de São Paulo, argumenta que, com a ausência da ética, apela-se à moral como substituta e surge a demanda por líderes messiânicos e sistemas totalitários que dispensam o indivíduo de usar o próprio juízo, pois não seria possível desenvolvê-lo.

Claudio Rossi, de São Paulo, afirma que à medida que Freud foi tendo mais

experiência e sua teoria foi ganhando mais profundidade, o Ego que precisava servir a vários senhores foi se tornando, ele mesmo, contraditório e confuso.

Deocleciano Bendocchi Alves e Júlia Macruz Bendocchi Alves, de São Paulo, tecem considerações sobre o valor da experiência e da liberdade do indivíduo para o desenvolvimento da capacidade para pensar, desenvolvendo uma autoridade pessoal que se opõe às forças externas e acima de tudo, às estruturas internas.

Elena Bruffato e Paolo Bucci, de Roma, colocam que a linguagem de fora é muito diferente da linguagem de dentro, dos participantes, embora as duas sejam fundamentais naquilo que, na relação analítica vai se transformando. Considerar as duas, com as devidas diferenças, poderia reduzir o risco de nos perdermos na busca da Terra-Média, com mapas desconjuntados do território que estamos explorando.

Eliane de Andrade, de Belo Horizonte, afirma que as experiências de dor e satisfação, dois momentos extremamente biológicos na vida de uma pessoa ainda bebê, permitirão a entrada do ser biológico no nível do ser simbólico, ou humano.

Emiliano Luchetti e Fausta Romano, de Roma, através de vinhetas clínicas, demonstram o emergir e a construção de uma linguagem específica dentro da relação analítica, que se tornará patrimônio dos dois participantes, para sempre. Assim como a dupla transferência, do analisando para o analista e vice-versa, constituirá patrimônio de ambos.

Idete Zimerman Bizzi, de Porto Alegre, propõe uma classificação relativa à contratransferência, *criativa, viciosa ou estrangeira*, baseada em sinais indiretos observáveis na interação da díade analítica, que apontam para o grau de permeabilidade e criatividade da mente do analista em interação com o paciente.

José Cesário Francisco Júnior, de Ribeirão Preto, nos traz em seu texto as conhecidas situações psicanalíticas de difícil acesso e os obstáculos ao livre trânsito da comunicação entre os componentes da parceria analítica, propondo que a linguagem poética poderá ser uma via de acessibilidade para tais configurações.

M. Stefania Lo Basso, de Roma, interroga-se acerca da possibilidade de poder desenvolver, na qualidade de psicóloga e psicoterapeuta, através da relação, uma

função terapêutica/analítica mesmo com quem tenha dificuldades de expressar e tornar “dizível” aquilo que, do seu corpo, preme para encontrar um espaço de representabilidade, de pensamento, de palavra.

Maria José de Andrade Souza, de Fortaleza, questiona a autonomia da pulsão destrutiva em detrimento do uso da capacidade de pensar, favorecida pelo processo civilizatório e em escala particular pelo processo de análise, utilizando como base O mal-estar na civilização, de Freud.

Norberto Marucco, de Buenos Aires, nos contempla com um belo e profundo ensaio sobre a contratransferência e o arcaico em relação com a pessoa real do analista e a função psicanalítica.

Ricardo Bernardi, de Montevideu, desenvolve a ideia de que algo começa muito antes da linguagem, na relação do corpo com outras pessoas, denominado “esquemas-de-estar-com” ou pictogramas. As marcas desta pré-história estão no corpo vivente, provavelmente na zona em que os traços temperamentais se prolongam na organização do caráter.

Virginia Ungar, de Buenos Aires, chama a atenção para o fato de que, no mundo atual, já não é necessário um pai, uma mãe e uma relação sexual entre ambos para que se conceba e nasça uma criança. Se isto não nos leva a questionarmos a teoria do Complexo de Édipo e a teoria do incesto em algum momento, vamos ficar por fora da realidade que nos convoca como psicanalistas.

Yusaku Soussumi, de Aracaju, nos traz uma necessária reflexão sobre a Psicanálise atual e os nossos tempos de Multiverso, com o olhar para o futuro.

São trabalhos científicos criativos e profundos, que trazem uma diversidade de referenciais que se integram, se somam e nos convidam a pensar e a repensar o nosso ofício.

Boa leitura!

Adalberto A. Goulart<sup>2</sup>

Editor

---

2. Membro efetivo e analista didata da SPRPE e do NPA.